



## **Educomunicação no Pantanal Fluminense: produção audiovisual por mulheres agricultoras**

*Educommunication at Fluminense Pantanal: audiovisual production by women farmers*

ALMEIDA, Clara<sup>1</sup>; PEREIRA, Aurea<sup>2</sup>; MENEZES, Juliana; SOUZA, Ana Carolina; BORGES, Ana.

<sup>1</sup> Suma Filmes, clara.trevia@gmail.com; <sup>2</sup> Instituto Permacultura Lab, aurea@permaculturalab.org

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

**Eixo Temático:** Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia.

**Resumo:** Este trabalho contempla o relato de experiência em Educomunicação através do recurso audiovisual elaborado com um coletivo de mulheres agricultoras da Baixada Fluminense/ RJ. O documentário de denúncia “Mulheres do campo, caminhos que se encontram” foi elaborado desde a sua estrutura até a edição final por mulheres agricultoras e a equipe Suma Filmes dentro do projeto Economias Populares da ONG Capina. Durante o processo, o coletivo vivenciou o encontro de narrativas, a identificação comunitária e a ampliação do potencial agroecológico de mulheres que sentem diariamente a desigualdade de gênero no trabalho campestre. O documentário é uma ferramenta de divulgação e reconhecimento da agroecologia e do trabalho das mulheres na zona rural de Duque de Caxias, assim como todo o processo de elaboração do vídeo passa também a instrumentalizar a luta.

**Palavras-Chave:** Duque de Caxias; agricultura urbana; Baixada Fluminense; agroecologia; documentário.

### **Contexto**

O presente relato de experiência que contribui para o eixo temático Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia do Congresso Brasileiro de Agroecologia, traz a perspectiva agroecológica na construção de narrativas pessoais e coletivas da realidade de mulheres agricultoras da Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro. A partir do processo desenvolvido em encontros de educomunicação, aqui entendida como campo comunicativo-educativo do saber dialógico, com escuta a todos os envolvidos e tecnologias da comunicação (CITELLI, 2019), que visavam a construção participativa de um vídeo documentário, foram experienciadas práticas e metodologias participativas capazes de reconhecer e dar centralidade aos conhecimentos e expressões camponesas. Através das práticas e da reflexão sobre se fazer um filme, foi possível proporcionar também uma reflexão e construção aos envolvidos, através da relação com o outro e com o território. Cezar Migliorin, 2014, chama este movimento de criação da narrativa sobre um mundo comum, onde emergem questões centrais para os direitos humanos e, logo, para uma transformação social.

A experiência se deu como parte do Projeto “Economias Populares: fortalecendo elos de trabalho com inovação e sustentabilidade ambiental” realizado pela ONG Capina em parceria com o Instituto Permacultura Lab, com a produtora Suma



Filmes e patrocinado pela empresa Petrobrás. O projeto é desenvolvido nas áreas de influência da Refinaria (REDUC), com enfoque nas trabalhadoras envolvidas em empreendimentos econômicos populares ou em iniciativas agrícolas do município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, particularmente nas comunidades de Pilar, Xerém, Campos Elíseos e Parque Marilândia.

A experiência de produção do vídeo “Mulheres do Campo, caminhos que se encontram”, aqui relatada, iniciou-se no verão, em meados do mês de março do ano de 2023. Foram encontros sequenciais na propriedade rural de uma das agricultoras participantes, localizada na zona rural de Xerém, dentro da Área de Proteção Ambiental (APA) do Iguaçu, ou, como nomeado por elas, “Pantanal Fluminense”.

### **Descrição da Experiência**

O processo de produção do filme foi iniciado com a aproximação com algumas agricultoras de Caxias convidadas a participar da Formação e Assessoria do Projeto Economias Populares. A partir desse contato, utilizando o método de amostragem em bola de neve, forma de amostra não probabilística que utiliza cadeias de referência (VINUTO, 2014), ou seja, indicação sequenciada a partir das próprias participantes trazendo nomes que sejam interessantes para o processo e para as pessoas que se propõem a participar, as agricultoras indicaram outras mulheres que também poderiam se interessar em participar da composição do vídeo. O convite foi que elas pensassem no grupo que desejavam formar para construir coletivamente a mensagem que seria veiculada através do vídeo.

A produção deste vídeo pode ser entendida como o que Costa, Yu-Ming e Sánchez (2015) chamaram de “filme de encontro”, no qual cada vídeo é criado a partir do trabalho em equipe, costurando as diversas interpretações da realidade, discutindo e refletindo a partir das falas dos protagonistas decididos coletivamente. Após apresentação e aproximação das equipes Suma e Capina e as agricultoras, foram realizados encontros para discutir a composição do vídeo através das perguntas geradoras “O que?”, “Por que?”, “Para quem?” e “Como?”. Uma troca sem censura de ideias, colhendo tudo que surgia para leitura coletiva e organização do que enfim seria o caminho de narrativa. As agricultoras optaram por um filme de denúncia que contaria sobre a falta de infraestrutura das estradas da zona rural de Duque de Caxias pelas quais precisam passar para distribuir suas produções agrícolas e acessar serviços básicos de saúde e educação. E enquanto denúncia, assinalaram as instâncias responsáveis que deveriam ser acionadas por essa reclamação, o poder público e as grandes empresas atuantes no território. O papel da mulher no campo, a sobrecarga nos trabalhos e a invisibilidade de suas contribuições também apareceram como um tema primordial a ser abordado. Todas relataram a indignação com a desigualdade de gênero que vivenciam no território.

A construção do passo a passo assemelha-se às quatro etapas propostas pelo Curso de Cinema Ambiental (CUCA), conforme escrevem Fuentes, Costa e Ruta (2016): a primeira etapa trata da seleção dos participantes ou comunidade, a



segunda etapa versa sobre a escuta sensível e as possibilidades de linguagens do filme que chegam através da colheita criativa, a terceira etapa é a captação do material audiovisual, envolvendo por exemplo, as escolhas de local, enquadramento e a montagem. Entre a terceira e a quarta etapa acontece a apresentação da versão para análise e correções. A quarta etapa é a aprovação da versão final para, enfim, a exibição do filme. Desde o início da relação com as agricultoras as dinâmicas escolhidas e o processo de facilitação dos encontros não só contribuíram para a construção do vínculo entre as participantes como também as consideraram como coprodutoras do projeto em questão.

Durante a segunda etapa, enquanto era feita a colheita do "O que?", notou-se que enquanto as participantes traziam para o exercício as problemáticas socioambientais que vivenciavam e que desejavam abordar no filme, optaram também por trazer a resolução comunitária que elas mesmas criaram para o enfrentamento dessa realidade: estarem juntas. Dessa forma, na terceira etapa de captação audiovisual, o coletivo decidiu como desfecho do filme recriar cenas de um mutirão de beneficiamento do urucum. Por conta própria organizaram o evento, decidiram entre si em qual propriedade seria e, elas mesmas, filmaram as cenas.

Algumas agricultoras, que demonstraram interesse e curiosidade técnica, ficaram em posse da câmera por alguns dias. Dessa forma puderam pensar sobre o objeto filmado e se pensar também enquanto personagem. O resultado dessas filmagens artesanais e de autoria própria as possibilitaram contribuir com o próprio olhar e direcionamento da narrativa. A filmagem realizada coletivamente e as entrevistas que ocorreram com cada agricultora trouxeram ao grupo o encontro do discurso individual com as perspectivas coletivas. O que virou ponto de discussão durante o processo de decupagem participativa. Ao assistirem o primeiro corte, o grupo discutiu novamente algumas questões para o alinhamento de narrativa. A preocupação era que a denúncia foco do vídeo fosse contada com impacto e preenchida de sentido do início ao fim. Assim, após discussões, reflexões e ajustes, decidiram o corte final. O filme foi publicado na internet e exibido para outras pessoas, trazendo rapidamente como retorno comentários de reconhecimento do trabalho realizado e a valorização da identidade sociocultural individual e coletiva. Por enquanto estão sendo colhidos relatos das agricultoras sobre o processo e as transformações a partir do processo de produção audiovisual vivida. Os desdobramentos a partir da ampla divulgação do filme serão descobertos com o tempo.

## **Resultados**

Os processos construídos coletivamente são expandidos quando acontecem com espaço para a autonomia e espontaneidade. A produção audiovisual é criativa e possibilita o encontro. A criação do filme "Mulheres do Campo, caminhos que se encontram" ocorreu através do diálogo e encontro de narrativas, em sua maior parte próximas em entendimento de mundo, mas também divergentes. Ao ouvirem a sequência de suas falas no primeiro corte de montagem do filme, as agricultoras



abriram novos espaços de discussão entre si que não haviam tocado durante a elaboração da produção, formando assim um importante fluxo de troca e aproximação entre elas.

O fortalecimento da identidade comunitária acontece em consequência do espaço para trocas e discussões. Ao identificarem dificuldades e entendimentos comuns sobre alguma questão, ou ao refletirem através da forma de compreensão que outra pessoa apresenta. Com a escuta e conversa, as agricultoras notaram outros espaços e situações nas quais poderiam se apoiar.

O reconhecimento que as agricultoras estão tendo acesso através das visualizações do vídeo na plataforma *Youtube*, junto com os comentários dos usuários da plataforma são fortalecedores para a luta. O vídeo foi amplamente divulgado em grupos da plataforma de conversas instantâneas *Whatsapp* e também está sendo exibido espontaneamente em eventos acadêmicos. Para a proposta do filme, é um imenso ganho que as mulheres do campo, que atuam no que elas mesmas chamam de “Pantanal Fluminense”, sejam vistas.

Como dispõe TOTH (2012), a Educomunicação pode ser um ferramenta eficiente na percepção de relações sociais desiguais, podendo inclusive atuar na minimização destas diferenças ao promover acesso e troca de conhecimentos políticos, ambientais e sociais. Como relatado nesta experiência, as participantes do processo educativo tornaram-se protagonistas do processo de comunicação ao experimentar o uso de tecnologias de comunicação e tornarem-se co-autoras da obra. Sendo assim, a Educomunicação pode instrumentalizar lutas sociais ao se tornar um campo e espaço de participação, democratização de informações e reapropriação de narrativas.

Além de todos os fatores supracitados e perpassando por cada um deles, a produção e divulgação do filme “Mulheres do campo, caminhos que se encontram” conta para a sociedade sobre a agroecologia, sua importância e contribuições sociais. Assim defendendo que a pauta da agroecologia receba a urgente atenção que necessita.

## **Agradecimentos**

Esse trabalho só se fez possível graças à participação e colaboração de todas as agricultoras familiares envolvidas no processo de criação, Juliana Wu, Maria Carmelita Vieira, Suély Paixão Louredo, Mariana Paixão Louredo da Silva, Melissa Paixão Louredo, Jéssica de Araújo Chagas e Justina Inez Ruviano. Disponíveis, abertas e entregues ao processo de descoberta do que é se fazer um filme coletivamente descobrindo uma história comum. Essas mulheres, além de tudo, foram incrivelmente gentis em abrir seus lares, cotidiano, vivências e entrelaçá-los ao processo de educomunicação, resgatando também o sentido ancestral de que mulheres juntas formam um círculo de cuidado.



É necessário salientar o apoio do Instituto Permacultura Lab no desenvolvimento metodológico e na divulgação do resultado final em suas redes e agradecer à ONG CAPINA e à Suma Filmes por possibilitarem o desenvolvimento desse trabalho através do projeto Economias Populares. Juntamente agradecemos à Petrobrás pelo fomento e apoio institucional.

### Referências bibliográficas

CITELLI, A. et al. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. **Comunicação & Educação**, ano XXIV, n. 2, jul-dez, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165330/159511> Acesso em: 10 de julho de 2023.

COSTA, R.N. et al. O encontro do cinema com a educação ambiental crítica no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba. **Anais VIII EPEA - Encontro Pesquisa em Educação Ambiental**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: [http://epea.tmp.br/epea2015\\_anais/pdfs/plenary/148.pdf](http://epea.tmp.br/epea2015_anais/pdfs/plenary/148.pdf) Acesso em: 10 de julho de 2023.

FUENTES, N. et al. Cinema e educação ambiental no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba: reflexões e práticas interdisciplinares e transversais. **Educação & Sociedade**, 37 (136). Jul-Sep, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/qRM8ZyRLgNgWFd4KLnkf6fx/?lang=pt#> Acesso em: 05 de julho de 2023.

MIGLIORIN, C. et al. **Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos**. Niterói, Editora da UFF, 2014. Disponível em: [https://www.corais.org/sites/default/files/inventar\\_com\\_a\\_diferenca\\_20140514.pdf](https://www.corais.org/sites/default/files/inventar_com_a_diferenca_20140514.pdf) Acesso em: 8 de julho de 2023.

TOTH, M. et al. Novos espaços de participação social no contexto do Desenvolvimento Sustentável - as contribuições da educomunicação. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. XV, n. 2, p. 113-132, mai.-ago, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/FKtqnHJPSD6Q7pw6zPRQ6KB/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 8 de julho de 2023.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977/6250> Acesso em: 18 de junho de 2023.